

OS FERIDOS NO TERRAMOTO DE 1755 EM LISBOA

AMÉLIA FERREIRA*

ALEXANDRA ESTEVES**

AMÉLIA SIMÕES FIGUEIREDO***

Se o efeito mais visível do terramoto do primeiro de novembro de 1755 foi a quase destruição da capital portuguesa tal como se encontra evidente nos registos iconográficos a que deu origem, incontestável foi a dramática existência de milhares de vítimas e a dor que isso ocasionou e que se encontram referidas em fontes impressas.

Ao pânico, angústia, horror e confusão generalizadas, provocadas pelo elevado número de mortos, pela visão de moribundos, feridos e mutilados, por uma quantidade incontável de desaparecidos, pelos incêndios, destruição de casas e perda de bens, juntou-se o temor de que epidemias se viessem a desenvolver na cidade. Sendo inverno e não podendo as águas escoar para o mar, com facilidade ficariam contaminadas. Mas associado à catástrofe, existiu uma dimensão de interesse em saúde pública que foi, e continua a ser, difícil de avaliar. Esta refere-se aos efeitos psicológicos provocados na população que certamente se prolongaram muito para além do primeiro de novembro devido à quantidade de réplicas que se fizeram sentir nos meses seguintes¹. Existem relatos de que, passados cinco anos, ainda se sentiam pequenos e repetidos abalos de terra².

* Universidade Católica Portuguesa, Unidade Local de Saúde de Matosinhos. ameliadiasferreira@gmail.com.

** Universidade Católica Portuguesa, Lab2PT — Instituto de Ciências Sociais — Universidade do Minho. estevesalexandra@gmail.com.

*** Universidade Católica Portuguesa, Instituto de Ciências da Saúde. simoesfigueiredo@ics.lisboa.ucp.pt.

¹ AHM — *Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra (1736-1756)*, cx. 1, n.º 1, doc. 22, fls.1-2.

² ANTT — *Manuscritos da Livraria*, n.º 2040, fl. 2.

São conhecidas algumas das medidas tomadas pelas autoridades civis de Lisboa sob a forma de avisos, portarias, decretos e ordens, contendo as principais providências para debelar e controlar os efeitos imediatos do terramoto. Estas referiam-se não só ao provimento de mantimentos mas também à segurança e saúde pública tendo sido afixados logo a partir do dia dois e registados em documentos. Exemplo disso é a carta circular e portaria emitidas, para se dar sepultura aos mortos, o aviso sobre a afixação de editais com a isenção de impostos sobre o peixe vendido, e ainda os decretos sobre os processos verbais e execução de sentenças às pessoas apanhadas a roubar, entre muitas outras³. Em 1758, Amador Patrício de Lisboa registou, com o título de *Memorias das principaes providencias que se derão no terremoto que padeceo a corte de Lisboa no anno de 1755* e seleccionou como principais 233 medidas, sendo que, segundo este autor, 23 delas foram emitidas nos primeiros três dias após o sismo, 47 na primeira semana e cerca de uma centena no primeiro mês⁴.

Numa das primeiras medidas tomadas pelos responsáveis, consta a ordem recebida pelo Estribeiro-mor, o Marquês de Abrantes e o General da Artilharia, para que, fazendo uso das tropas, artilheiros e demais material necessário, pudessem socorrer e zelar pela segurança do povo de Lisboa, que se encontrava em situação difícil devido à destruição provocada pelo terramoto⁵.

O rei no dia três de novembro convocou cirurgiões e enfermeiros para que, munidos de remédios, tratassem os feridos que estivessem em casas de religiosos e outros locais da cidade e que, para isso, usassem a botica do hospital real⁶. No dia quatro emitiu uma nova ordem para se socorrerem os doentes e feridos «não só com medicos, cirurgiões e botica mas tambem com o alimento necessário», o que pode indiciar que os alimentos eram escassos na cidade⁷.

Solicitou ainda, a todas as pessoas que prestassem ajuda a estes profissionais no tratamento dos feridos, que levassem alimentos para distribuir pelas pessoas que deles necessitassem. Alguns fidalgos, juntamente com cirurgiões, andaram pelos campos a ajudar no tratamento de feridos⁸. Por ordem de D. José I, foram criados hospitais provisórios na casa dos Almada em São Bento, no Rossio e às Portas de Santo Antão, enquanto se faziam as alterações necessárias no edifício do Colégio de Santo Antão que resistira ao terramoto⁹. Este imóvel pertencera aos Jesuítas e Pombal aproveitou a sua expulsão para o doar ao Hospital de Todos os Santos.

³ AML/AH — *Chancelaria Régia, consultas, decretos e avisos*, liv. 8, fls. 368-369.

⁴ CAPELA & MATOS, 2011: 108.

⁵ AML/AH — *Chancelaria Régia, consultas decretos e avisos*, liv. 8, fl. 366.

⁶ ANTT — *Hospital de São José*, cx. 397, mç. 1, n.º 26.

⁷ ANTT — *Hospital de São José*, cx. 397, mç. 1, n.º 27, fl. 6.

⁸ ANTT — *Hospital de São José*, cx. 397, mç. 1, n.º 27.

⁹ ANTT — *Hospital de São José*, cx. 397, mç. 1, n.º 31.

Existem relatos em como alguns dos feridos que chegavam aos hospitais apresentavam lesões nos membros, já muito infetadas, acabando por falecer¹⁰.

Perante esta calamidade o povo que resistiu tentou pôr-se a salvo deixando a cidade e fugindo para o campo: «huns fugião das casas para os templos, outros dos templos para as casas»¹¹. Houve quem «ficando nu correu as ruas dessa Corte até que a providência divina lhe ministrou alguma roupa para se cobrir»¹². Mendonça escreveu que todos fugiam sem saber para onde, pisando sem pavor os mortos e feridos que agoniavam presos entre as ruínas enquanto esperavam o socorro¹³. Referiu ainda que na época todos se cumprimentavam, mesmo os que até então eram inimigos, pedindo perdão reciprocamente. Saudavam-se os amigos e conhecidos por terem escapado com vida. Consolavam-se uns aos outros pela perda de amigos e familiares¹⁴.

Existe, ainda, a referência de que no rescaldo do terramoto de 1755 foram encontrados sobreviventes passados quatro, seis e até nove dias após o primeiro de novembro e alguns deles sem lesões¹⁵.

As casas da época, por serem feitas em madeira, foram mais facilmente consumidas pelo fogo. As autoridades mandaram retirar as madeiras possíveis e telhados como forma de travar o progresso das chamas¹⁶.

Os que não estavam feridos ou mortos, aqueles que conseguiam andar refugiavam-se em lugares altos, longe da desgraça que assolava a baixa da cidade. Esta retirada, segundo quem presenciou os factos, foi principalmente penosa para as mulheres, pois estando os caminhos cheios de ruínas, era necessário subir, outras vezes saltar, algumas vezes mesmo escalar trepando às montanhas de escombros¹⁷.

Os feridos eram deitados sobre camas de folhas, enquanto monges passavam, expiando os pecados com rezas do rosário. Em Belém, o rei penitenciava-se e, pelas ruas, os cânticos misturavam-se às maldições e aos gemidos¹⁸.

Mas, no pós terramoto do primeiro de novembro, Lisboa mobilizou-se para ajudar os sobreviventes. Mesmo sabendo que os riscos que corriam eram elevados, os que resistiram tentavam retirar as pessoas das ruínas¹⁹. Muitos nobres com palácios fora

¹⁰ MENDONÇA, 1758: 122-123.

¹¹ PEREIRA, 1756: 3.

¹² ANTT — *Feitos Findos, Juízo da Provedoria dos Resíduos e Cativos*, mç. 1, n.º 56, cx. 1, fls. 1-2.

¹³ MENDONÇA, 1758: 122; SOUSA, 1928: 4.

¹⁴ MENDONÇA, 1758: 122. Segundo estudos recentes, após a vivência de situações adversas extremas, como é o caso do terramoto de 1755, os sobreviventes embora possam não se conhecer, unem-se, partilham informações e trocam teorias. Há uma tendência avassaladora de vitimização podendo transformar-se num ciclo difícil de interromper por forma a pensar num plano de ação, aquilo que é necessário fazer. Este ciclo não é produtivo mas sim penalizante. Pode ler-se mais em RIPLEY, 2008: 204-220.

¹⁵ PEREIRA, 1756: 4.

¹⁶ ANTT — *Hospital de São José*, cx. 397, mç. 1, n.º 28.

¹⁷ PEREIRA, 1756: 18.

¹⁸ CHANTAL, 2005: 33.

¹⁹ VIEGAS *et al.*, 2012: 21.

de Lisboa dispuseram os seus terrenos para que os mais necessitados os ocupassem, tendo sido «bem recebidos, e alojados no jardim, debaixo de huma barraca feita de lenções, e alastrada de colchoes, sobre os quaes dormião promiscuamente, e sem se despir, tanto a gente da casa, como a de fora»²⁰. A solidariedade naqueles tempos foi um facto, tendo inclusive a rainha D. Mariana Vitória e as suas filhas colaborado no auxílio aos doentes, cosendo roupa e desfiando panos. Fontes coevas referem que esta ação dos monarcas causou vergonha a uns, espanto a outros, mas que serviu de estímulo para muitas senhoras da corte, que viram neste exemplo da família real o mote para também se dedicarem a «tão piedoso exercício»²¹.

Os homens de negócios, desembargadores e as mais distintas pessoas assistiam os médicos e cirurgiões e ajudavam com medicamentos e alimentação. Muitos dos feridos, aquando da chegada dos cirurgiões, apresentavam já as lesões gangrenadas, pouco havendo a fazer²². Os religiosos, por incumbência do Cardeal Patriarca de Lisboa, prestaram apoio espiritual. No terceiro dia pós terramoto, depois de retirar os corpos dos escombros, começaram a dar-lhes sepultura²³. Todas as congregações de religiosas abriram as suas portas onde se recolheram centenas de famílias²⁴.

Nas casas permaneceram muitos doentes que escaparam às ruínas do terramoto, mas cujos males os tinham incapacitado de saírem do leito. Havia entre estes, grande número de pessoas com fraturas nos membros inferiores, ou cujos membros se encontravam presos nos escombros e que esperavam socorro. Algumas destas pessoas foram vítimas do fogo²⁵.

Os desalojados acamparam nas praças e cercas dos conventos, nas praias, nos campos e em vários locais da cidade. Foram construídas barracas para proteger o povo de um inverno rigoroso e com repetidas chuvas²⁶. Para estas proteções utilizou-se grande quantidade de pano que havia nos armazéns reais e que D. José I mandou emprestar. Foram também usados os panos das velas de navios que se encontravam na Ribeira das Naus e visto ainda não chegar, foi ainda usado o brin e lona que havia nas lojas de Lisboa e casas de estrangeiros²⁷.

No Largo do Rato, foram construídos numerosos abrigos deste género, que ficaram durante décadas, pois muita gente, por altura do terramoto, fugiu para esta parte da cidade que foi menos afetada do que a parte com mais densidade populacional. As

²⁰ RATTTON & CARVALHO, 1920: 21.

²¹ LISBOA, 1758: 9-10.

²² CARDOSO, 2013: 37.

²³ VIEGAS *et al.*, 2012: 301-302.

²⁴ ANTT — *Manuscritos da Livraria*, n.º 1229 fl. 52 v.; MENDONÇA, 1758: 124-125.

²⁵ MENDONÇA, 1758: 118; VIEGAS *et al.*, 2012: 37.

²⁶ VIEGAS *et al.*, 2012: 57.

²⁷ ANTT — *Manuscritos da Livraria*, n.º 1229, fl. 57; SOUSA, 1928: 517. O brin era um tipo de tecido resistente feito à base de linho.

barracas, passados alguns meses, passaram a ter a parte frontal de tabique e mais tarde de pedra e cal²⁸.

Nos dias que se seguiram ao terramoto, D. José I mandou socorrer a muitos dos que se encontravam no Campo Grande e a todos os que recorreram a Belém. Mandou distribuir barracas de campanha e tábuas para que se construíssem abrigos. Alguns nobres acomodaram sobreviventes nos seus jardins, distribuindo vestes e alimentação. Mendonça refere que mesmo os nobres, considerados mais avarentos, tiveram gestos de grande caridade para com os necessitados²⁹.

As cadeias do reino também sofreram com o terramoto ficando a cadeia do Limoeiro sem condições para tratar os presos que se encontravam doentes e feridos. Após a reconstrução de parte do imóvel entre 1758 e 1759, foi adotada como cadeia principal da corte³⁰. Assim que o rei tomou conhecimento de que faltavam camas na cadeia, para o tratamento dos sobreviventes, ordenou que enviassem as que se encontravam nos «armazéns da Artilharia do Reino»³¹. Ordenou ainda que lhes fizessem chegar medicamentos e alimentação apropriada para as suas doenças, pois os feridos aguardavam ajuda³².

Depois de várias semanas dispersa, a população começou a construir habitações de madeira pelos diferentes locais de Lisboa tendo-se fabricado, nos primeiros seis meses posteriores ao terramoto, mais de 9000 barracas³³.

A cinco de fevereiro de 1756, o Senado solicitou autorização a D. José I para que se pudesse cobrar uma pequena quantia pela licença que se concedesse, a quem por ter perdido a habitação no terramoto, desejasse construir uma barraca em lugares públicos³⁴.

À miséria dos primeiros tempos sucedeu, a pouco e pouco, uma estranha e nova erupção de luxo. Ergueram-se barracas sumptuosas com tecidos caros, com mais de um pavimento e com adornos exteriores. As mulheres cobriam-se de sedas e «os mercadores, que só vendiam a dinheiro, encheram-se e os novos direitos pagavam-se na Alfândega como se a tremenda calamidade não tivesse assolado a cidade»³⁵.

Dos nobres portugueses que ajudaram conta-se D. João de Bragança, «primo Del Rey» e irmão do Duque de Lafões que, percorrendo a cidade durante vários dias, por entre os edifícios arruinados, ajudou nas operações de resgate e salvamento. Monsenhor Sampaio, Prelado da Igreja Patriarcal, exerceu o mesmo acompanhado de algumas

²⁸ ANTT — *Manuscritos da Livraria*, n.º 1229, fl. 57 v.; VIEGAS *et al.*, 2012: 59.

²⁹ MENDONÇA, 1758: 124.

³⁰ HOMEM *et al.*, 2013: 9.

³¹ LISBOA, 1758: 92.

³² ANTT — *Hospital de São José*, cx. 397, mç. 1, n.º 35.

³³ MENDONÇA, 1758: 146.

³⁴ AML/AH — *Registo de Consultas*, liv. 4, fl. 29.

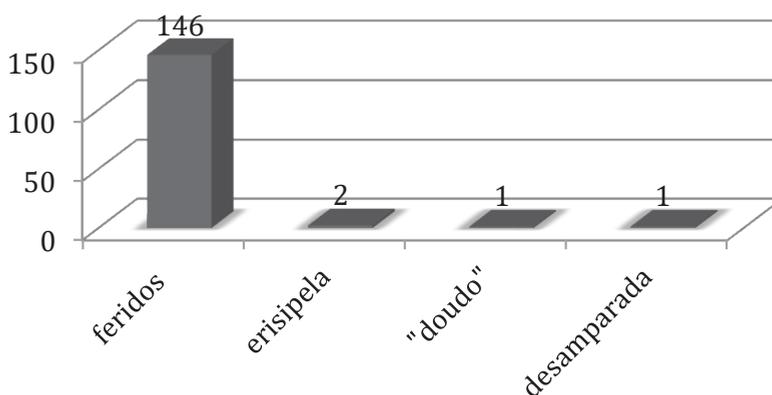
³⁵ SEQUEIRA, 1933: 270.

peçoas, durante várias semanas, tendo sepultado 240 cadáveres; salvou muitas peçoas das ruínas e fez com que outras fossem conduzidas aos hospitais³⁶.

Entre os que se salvaram existe o relato de um homem, encontrado na Igreja da Penha, depois de quatro dias; outro na Basílica de Santa Maria, depois de sete dias; e ainda uma «moça» na rua dos Canos, nove dias após o terramoto³⁷.

Os doentes que deram entrada nos hospitais provisórios de S. Bento foram registados em livros sendo que no número 1461 se encontram os registos efetuados entre seis de novembro de 1755 e doze de setembro de 1756 num total de 628 doentes. Destes, apenas conseguimos analisar 150, sendo que 57 se encontram também na lista de falecidos que aparece no fim do livro³⁸. Existem ainda entradas dos dias quatro e cinco de novembro o que parece sugerir que o livro foi de facto iniciado a seis de novembro, sendo arrolados posteriormente doentes que foram admitidos em dias anteriores. Dos registos observados, sobressai o facto de alguns doentes transportarem consigo para o hospital colchões e roupa de cama. Esta circunstância pode ser indicativa da falta destes bens essenciais nos tempos mais próximos da calamidade que assolou Lisboa.

Gráfico 1. Doentes registados de seis de novembro de 1755, a doze de setembro de 1756



Fonte: ANTT — *Hospital de São José*, liv. 1461

Da análise efectuada e cujos motivos de entrada se encontram no gráfico um, que se apresenta, respeitando a escrita original, podemos concluir que dos 150 registos, apenas quatro doentes deram entrada por outro motivo que não o trauma. São eles o que apresentava como motivo de admissão «doudo», dois com «erisipela» e uma

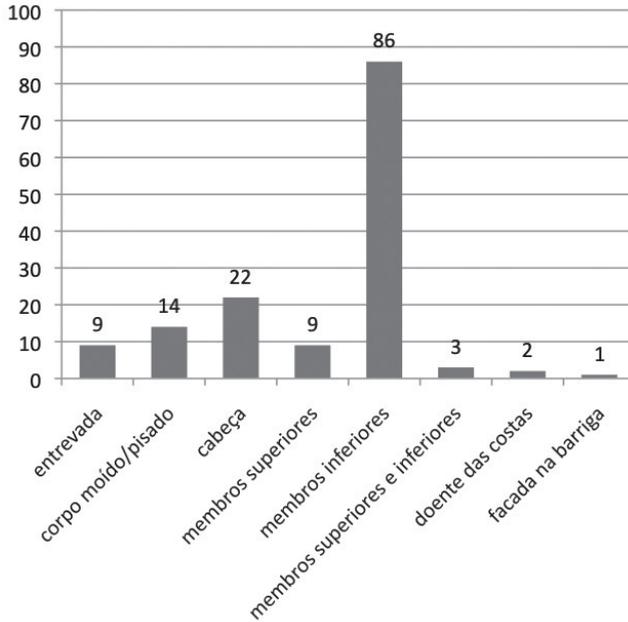
³⁶ PEREIRA, 1756: 4-5.

³⁷ MENDONÇA, 1758: 122-123.

³⁸ A tinta usada nos referidos documentos encontrava-se de tal modo esbatida que não se conseguia visualizar grande parte do que se encontrava escrito.

«doente desamparada». De referir que apenas um registo aparece como sendo criança e cujo motivo de entrada era ter «ambas as pernas quebradas». Esta criança veio a falecer a quinze de novembro³⁹.

Gráfico 2. Motivo de entrada dos doentes feridos no terramoto de 1755

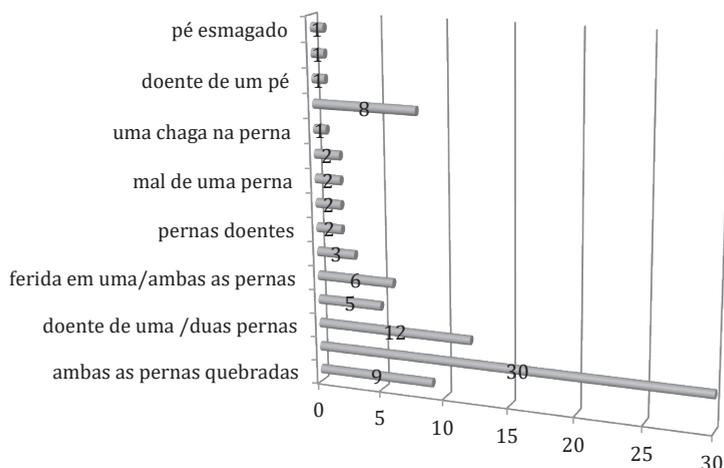


Fonte: ANTT — *Hospital de São José*, liv. 1461

Dos 146 registos de feridos analisados, constatamos que 86 mostravam ferimentos nos membros inferiores, 22 na cabeça, catorze alegavam o corpo moído ou pisado, nove apresentavam-se entrevados, nove tinham ferimentos nos membros superiores e três em ambos os membros. Havia ainda registo de dois doentes com ferimentos nas costas e um com um ferimento por arma branca, na região abdominal.

Das nove doentes que deram entrada tendo como motivo «entrevada», é de referir que oito faleceram. Se associarmos ao termo «entrevada», àquele que não se podia mover, ou que se encontrava paralisado, podemos extrapolar para os doentes com paresias ou plegias decorrentes de lesões vertebro-medulares, o que também se adequa ao tipo de vítimas encontradas nos grandes eventos cataclísmicos como o terramoto em causa. Estas lesões são situações graves e que podem ser fatais, caso as lesões se localizem ao nível da coluna cervical.

³⁹ ANTT — *Hospital de São José*, liv. 1461 (sem fólio).

Gráfico 3. Registo de doentes com traumatismo dos membros inferiores (1755)

Fonte: ANTT — *Hospital de São José*, liv. 1461

No que se refere aos doentes com traumatismo nos membros inferiores, dos 86 encontrados podemos observar que o maior número se refere a doentes com «uma perna quebrada» num total de 30. Seguem-se doze «doentes de uma ou duas pernas», nove com «ambas as pernas quebradas», sete com uma «perna desmanchada», seis com «feridas em uma ou ambas as pernas» e cinco com «uma perna cortada». Três doentes apresentam como motivo de entrada «perna serrada». Podemos ainda observar doentes com pernas pisadas, feridas ou doentes e pés desmanchados ou esmagados.

Este tipo de lesões está de acordo com os registos recentes que afirmam que a esmagadora maioria dos problemas de saúde relacionados com os sismos são as lesões dos tecidos moles e lesões ortopédicas, provocadas por quedas e/ou ser-se atingido por elementos não-estruturais como, por exemplo, móveis, enfeites e luminárias⁴⁰.

Com a «cabeça ferida» estão registados 22 doentes mas, é de referir, que destes somente nove apresentavam apenas ferimentos na cabeça sendo que os restantes se encontram associadas também a outro tipo de trauma como é exemplo «toda a cabeça ferida» ou «cabeça e um braço partido»⁴¹.

Podemos observar que vários foram os doentes que deram entrada com lesões da cabeça, que hoje classificamos como traumatismo cranioencefálico, sendo este tipo de ferimento uma das principais causas de mortalidade e morbidade nos traumatizados.

Com ferimentos dos membros inferiores, registaram-se 86, sendo que 81 se referem a trauma «das pernas». Vítimas com este tipo de lesões estão sujeitas a um

⁴⁰ BOURQUE, 2003: 103.

⁴¹ ANTT — *Hospital de São José*, liv. 1461 (sem fólio).

alto risco de isquemia, infecção das feridas, atraso ou não consolidação das fraturas e dores crónicas. Isto deve-se, não só a alterações anatómicas inerentes aos ferimentos, como também a lesões associadas a outros sistemas e problemas sistémicos associados ao mecanismo de lesão⁴².

Como foi referido anteriormente, grande parte destes doentes apresentava vários tipos de ferimentos em simultâneo. Esta associação de lesões traumáticas aparece várias vezes e pode dizer-se que grande parte dos doentes que deram entrada eram politraumatizados o que se adequa ao tipo de evento de que haviam sido vítimas.

Quadro 1. Registos de entrada nas enfermarias hospitalis provisórios: 1755/1756

1 de novembro de 1755 a 9 de junho de 1756	
Total de doentes entrados	3720
Doentes que entraram feridos	85
Doentes que entraram com febres	99
Doentes que faleceram neste período	465

Fonte: ANTT — *Hospital de São José*, liv. 1479

Este quadro, cujos dados foram retirados do *Livro Geral das Portas de Santo Antão e do Rossio* entre um de novembro de 1755 a nove de junho de 1756, refere-se a doentes de ambos dos sexos que entraram nas enfermarias dos hospitais provisórios, com início logo no dia do terramoto⁴³. Os primeiros registos de entrada que se conseguem identificar referem-se a feridos. Mas após alguns dias (que não se conseguem contabilizar) passaram a ser mais frequentes os doentes com febres, talvez decorrentes de ferimentos não tratados, e que evoluíram para infeções. A percentagem dos que morreram foi de 12,5%. Estes dados enquadram-se no que hoje sabemos sobre a cinemática do trauma. Os estudos indicam que atualmente o primeiro pico da mortalidade, 50% de todas as mortes, ocorre no local do evento e geralmente é o resultado de lesões do sistema nervoso central, coração e grandes vasos. Seria pouco provável, por maiores que fossem os recursos, que estas vítimas pudessem sobreviver.

O segundo pico de mortalidade, cerca de 30%, ocorre algumas horas após o evento, em consequência de traumatismos que resultam em perdas consideráveis de sangue. O terceiro pico de mortalidade, cerca de 20%, surge dias ou semanas após o trauma em consequência da infeção e da falência multiorgânica⁴⁴.

⁴² TERRA, 2009: 93.

⁴³ ANTT — *Hospital de São José*, liv. 1479.

⁴⁴ CUNHA, 2009: 7.

Quadro 2. Registos de entrada em hospitais provisórios 1756

9 de junho de 1756 a 23 setembro 1756	
Total de doentes entrados	2276
Doentes com problemas mentais «doudos»	80
Doentes que faleceram neste período	352

Fonte: ANTT — *Hospital de São José*, liv. 1480

Este quadro, com dados retirados do *Livro Geral das Portas de Santo Antão e do Rossio* entre 9 de junho de 1756 a 23 setembro 1756, refere-se a doentes de ambos os sexos que deram entrada nas enfermarias dos hospitais provisórios, com início em junho do ano seguinte ao terramoto, num total de 2276⁴⁵. A percentagem dos que deram entrada e vieram a falecer foi de 15,4%. Sobressai o número elevado de doentes com problemas mentais. Sabemos que nos anos que se seguiram ao terramoto, foram efetuados vários internamentos por problemas de saúde mental, como se pode comprovar pelos documentos que relatam as entradas nas enfermarias do hospital real⁴⁶. Sabe-se que o Hospital de Todos os Santos, antes de 1755, tinha enfermarias com este tipo de doentes. Aquando do terramoto, alguns podem ter morrido, mas outros podem ter-se salvado e os doentes mentais a que se refere o livro, talvez esteja ligado a reinternamentos, pois nesta altura ainda não existiam hospitais psiquiátricos. Não sabemos. Com base em estudos mais recentes, confrontam-nos com o facto de que estes internamentos podem significar o resultado, do que chamamos hoje, stress pós traumático não tratado, resultante dos tempos difíceis no pós terramoto.

Este distúrbio pode ter manifestações diferentes nos sobreviventes, consoante o impacto físico da catástrofe (direto ou indireto). São considerados sobreviventes primários os que experimentaram o máximo de exposição ao evento traumático e sobreviventes secundários são os familiares próximos das vítimas primárias. Sendo assim, no terramoto do primeiro de novembro poderemos dizer que, pelos registos encontrados quase toda a população de Lisboa pode ser considerada sobrevivente primária ou secundária⁴⁷.

FONTES MANUSCRITAS

Arquivo Municipal de Lisboa — Arquivo Histórico

AML/AH — *Chancelaria Régia, consultas decretos e avisos*, liv. 8.

AML/AH — *Registo de Consultas*, liv. 4.

⁴⁵ ANTT — *Hospital de São José*, liv. 1480.

⁴⁶ ANTT — *Hospital de São José*, cx. 397, mc. 1, n.º 57; ANTT — *Hospital de São José*, cx. 397, mc. 1, n.º 58; ANTT — *Hospital de São José*, cx. 397, mc. 1, n.º 59; ANTT — *Hospital de São José*, cx. 397, mc. 1, n.º 60; ANTT — *Hospital de São José*, cx. 397, mc. 1, n.º 61; ANTT — *Hospital de São José*, cx. 397, mc. 1, n.º 62; ANTT — *Hospital de São José*, cx. 397, mc. 1, n.º 63; ANTT — *Hospital de São José*, cx. 397, mc. 1, n.º 64.

⁴⁷ COHEN, 2002: 149-152.

Arquivo Histórico Militar

AHM — *Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra (1736-1756)*, cx.1.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo

ANTT — *Hospital de São José*, cx. 397, mç.1, n.º 26, 27, 28, 31, 35, 58, 60, 61, 62, 63, 64, liv. 1461, 1479, 1480.

ANTT — *Manuscrito da Livraria*, n.º 2040, fl. 2; n.º 1229 fl. 52v; n.º 1229 fl. 57v.

ANTT — *Registo Geral de Mercês, D. Maria II*.

BIBLIOGRAFIA

- BOURQUE, Linda B., et al. (2003) — *Morbidity and Mortality Associated with Disasters*. In DYNES, Russell R., — *The Lisbon Earthquake In 1755: Contested Meanings In The First Modern Disaster*. Wilmington: University of Delaware Disaster Research Center, p. 97-112.
- CAPELA, José Viriato; MATOS, Henriques (2011) — *As Freguesias dos Distritos de Aveiro e Coimbra nas Memórias Paroquiais de 1758. Memórias, História e Património*. Braga: UM/CITCEM.
- CARDOSO, Arnaldo Pinto (2013) — *O terrível terramoto da cidade que foi Lisboa — correspondência do Núncio Filippo Acciaiuoli: Arquivos secretos do Vaticano*. Lisboa: Alétheia.
- CHANTAL, Suzanne (2005) — *A vida quotidiana em Portugal ao tempo do terramoto*. Lisboa: Livros do Brasil.
- COHEN, Rachel E. (2002) — *Mental health services for victims of disasters*. «World Psychiatry», I série, vol. 3, p. 149-152.
- CUNHA, Jorge (2009) — *Cinémática do Trauma*. In NUNES, Fernando; MARTINS, António Gabriel, coord. — *Manual de Trauma para apoio ao Curso de Abordagem Integrada do Traumatizado para Enfermeiros*. Loures: Lusociência, p. 7-13.
- HOMEM, António Pedro Barbas et al. (2013) — *Cadeia do Limoeiro — Da punição dos delinquentes à formação dos magistrados*. Lisboa: Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais, Centro de Estudos Judiciários.
- LISBOA, Amador Patricio de (1758) — *Memorias das Principaes Providencias que se derão no Terremoto que padeceo a Corte de Lisboa no anno de 1755*. [S.l.: s.n.].
- MENDONÇA, Joachim Joseph Moreira de (1758) — *História universal dos terremotos, que tem havido no mundo, de que ha noticia, desde a sua criação até ao século presente*. Lisboa: Offic. de Antonio Vicente da Silva.
- PEREIRA, António (1756) — *Commentario Latino e Portuguez sobre o terramoto e incendio de Lisboa de que soy testemunha ocular*. Lisboa: Na oficina de Miguel Rodrigues.
- RATTON, Jacome; CARVALHO, Joaquim Martins Teixeira de (1920) — *Recordações sobre ocorrências do seu tempo de Maio de 1747 a Setembro de 1810*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- RIPLEY, Amanda (2008) — *The unthinkable: who survives when disaster strikes and why?* New York: Three Rivers Press.
- SEQUEIRA, G. de Matos (1933) — *Depois do terramoto, subsídios para a história dos bairros ocidentais de Lisboa*, volume IV. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- SOUSA, Francisco Luiz Pereira de (1928) — *O Terremoto do 1.º de Novembro de 1755 em Portugal e um estudo demográfico*. Lisboa: Tipografia do Comércio, vol. III, p. 517.
- TERRA, António (2009) — *Trauma das Extremidades*. In NUNES, Fernando; MARTINS, António Gabriel, coord. — *Manual de Trauma para apoio ao Curso de Abordagem Integrada do Traumatizado para Enfermeiros*. Loures: Lusociência, p. 93-100.
- VIEGAS, Inês Morais; LOUREIRO, Sara et al. (2012) — *Portugal Aflito e Conturbado pello terramoto do anno de 1755*. Lisboa: Direção Municipal de Cultura, Divisão de Gestão de Arquivos.

